

Nihilismo e natureza: aspectos da crise ecológica desde Nietzsche e Jonas

[José Cleberson de Freitas Silva]

Doutorando em Filosofia

Universidade Pontifícia Salesiana

Resumo

O Nihilismo como doutrina da negação de valores¹ vai muito além das aparências. Com a modernidade assistimos à apresentação de uma realidade feita a medida do homem; o homem enquanto sujeito de poder e capaz de autodeterminar-se. Com essa nova interpretação do mundo (cosmo) a Natureza encontra-se diante de uma perspectiva nunca vista antes: a desvalorização por ser essa mesma de origem metafísica engloba a natureza caracterizando assim aquele aspecto atualmente peculiar dos nossos tempos, uma crise do homem, mas também da natureza. O nosso objectivo aqui, é mostrar o travestimento do nihilismo enquanto crise ecológica.

¹ Sobre esse aspecto ver: F. NIETZSCHE, *La Volontà di potenza*, Bompiani, 2005; G. COLLI, *Dopo Nietzsche*, Adelphi, Milano, 1974; *Opere Complete di Friedrich Nietzsche*, edizione italiana diretta da Giorgio Colli e Mazzino Montinari, Adelphi, Milano 1964 sgg; M. HEIDEGGER, *Chi è lo Zarathustra di Nietzsche*, in *Saggi e Discorsi, a cura di Gianni Vattimo*, Mursia, Milano, 1976, pp. (ed. orig. *Vorträge und Aufsätze*, Günther Neske, Pfullingen 1957); M. HEIDEGGER, *Nietzsche*, a cura di Franco Volpi, Adelphi, Milano, 1994 (ed. orig. *Nietzsche*, Günther Neske, Pfullingen 1961); D.GILLES, *Nietzsche et la philosophie*, Paris, Gallimard, 1962, trad. it. Salvatore Tassinari, *La filosofia di Nietzsche*, Firenze, Colportage, 1978. F. EUGENE, *Nietzsches philosophie*, Stuttgart, 1962, trad. it. di P.R. Traverso, *La filosofia di Nietzsche*, Venezia, Marsilio, 1973; F. NIETZSCHE, *Os pensadores: Nietzsche. Obras Incompletas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo, Nova Cultural, s.d.

Raízes do niilismo ecológico

O niilismo enquanto negação de valor² pode ser bem identificado no pensamento de Nietzsche, embora esse adote várias máscaras. Neste nosso específico caso, trata-se de identificar nesse niilismo uma componente de matriz ecológica que nos permita de avançar a seguinte hipótese: que na base do problema ecológico hodierno existe um acento peculiar de carácter niilista. Essa estrada pode ser percorrida antes de tudo com Descartes. Com efeito, atribuímos à Descartes aquela parte de dualismo³ que ainda hoje contrapõe o homem com a natureza. Por qual razão essa separação adquiriu tanto sucesso? A resposta está no fato que por traz de toda a argumentação de Descartes esconde-se uma raiz mecanicista e desde então, uma concepção antropológica que coloca o homem muito acima das outras realidades sensíveis. Não por acaso, será essa mesma visão do mundo (*Weltanschauung*) a contribuir radicalmente na contraposição da atual crise ecológica que vê e identifica na natureza somente uma realidade passiva distinta e separada, conseqüentemente destinada ao mero uso e subordinada ao domínio da racionalidade humana. É exatamente nesta prospectiva que pretendemos de entender o niilismo e a sua relação com a crise ecológica emergente. Essa realidade passa infelizmente despercebida por muitos, mas é impossível não constatar que existe uma ligação entre esses dois conceitos. Por outro lado, a pretensão de atribuir ao homem as capacidades superiores

² No início do livro “Vontade de Potência” sobre o Niilismo, Nietzsche afirma como essa pode ser entendida como a depreciação dos valores supremos. “Che cosa significa nichilismo? Significa che *i valori supremi si svalutano*.” (Cfr. F. NIETZSCHE, *La Volontà di Potenza*, 9).

³ Com Descartes, essa tal convicção foi elevada a princípio metafísico desde o momento da sua decomposição, isto é, a realidade vem separada em duas esferas, excluindo-se reciprocamente, a *res cogitans* e a *res extensa* – o mundo do espírito e o mundo da matéria. (Cfr. H. JONAS, *Dalla fede antica all'uomo tecnologico*, 116-117).

destacado de uma consideração de valor verso a natureza acaba por conduzir à uma visão nietzschiana do homem, isto é, o Super-homem. Neste caso, seja Descartes que Nietzsche parecem concordar muito bem.

A nossa pergunta fundamental consiste em saber como essa concepção niilista ecológica obteve tanto sucesso. Para compreendermos melhor essa situação é preciso antes de tudo entender a causa principal que destacou o homem da natureza. Segundo Hans Jonas, a raiz de tal problema deve ser procurada no fato que “a natureza do agir humano tem-se transformado” e por conseguinte o objeto da ética também se transformou. Ora, revelando os limites da ética tradicional, Jonas avança a hipótese de um novo paradigma ético sob o nome de responsabilidade.

É importante evidenciar que durante o período clássico a natureza não era objeto de tal responsabilidade. Com a modernidade e principalmente com a invenção da técnica para fins de produção e capital, a natureza que antes possuía uma valoração positiva dá espaço àquela dimensão tipicamente materialista. Segue-se desde então uma oposição entre o agir humano e a natureza, essa porém não é vista como complementar à ação humana, mas como obstáculo a ser superado, como força autônoma a ser dominada, como objeto privo de valor, ou em outros termos, como valor de produção e riqueza. Nesta óptica podemos perceber claramente a influência do pensamento de Descartes, a sua intuição *res cogitans* traz consigo essa bipolaridade a nível sensível que distingue netamente o “eu pensante” daquela *res extensa* que se encontra fora do próprio eu. Podemos dizer que esse processo encontra em Descartes o seu momento decisivo, no qual ele anuncia a supremacia da subjectividade moderna. Por outro lado, é com *Leibniz* que o carácter da subjectividade estende-se junto com o mundo real. Cada *mônade*

constitui uma unidade representativa; sobre esta base configura-se como um ponto-de-vista sobre o mundo. Por conseguinte, a filosofia nietzschiana da vontade de potência constitui o vértice, o ápice deste processo enquanto tudo se torna transparente: o ser dissolve-se na vontade de potência.

Assim sendo, o niilismo não poderia encontrar terreno melhor para erguer-se. Com a depreciação da natureza o niilismo deve somente ajustar as bases, passa-se à negação do ente, isto significa a negação mesma da metafísica. Ora, a crítica de Jonas mira, de fato, a essa perspectiva de movimento. Com efeito, Jonas insiste com a fundação da metafísica enquanto terreno seguro para instaurar a sua ética.

Ora, o nosso parecer é que o paradoxo da crise ecológica atual passa através deste movimento lógico que vai desde a negação do homem, do mundo, até Deus. Deus enquanto entidade superior e fonte de valor tornar-se uma realidade dispensável. A morte de Deus é a separação com a velha impositação metafísica; se afirma a partir de agora o super-homem que por sua vez é muito semelhante com o triunfo da técnica sobre a natureza. O que essas duas posições têm em comum? O fato de ter mudado o modo de conceber o agir humano. Se com a ética clássica o homem desde o baixo tendia verso o alto, isto é, desde uma realidade imperfeita verso a perfeição que não se encontra neste mundo material. Com a modernidade esse paradigma é completamente mudado; a negação de uma realidade sensível atemporal implica a afirmação de uma realidade material limitada, ou seja, o eixo não é vertical mas horizontal. É a partir desse novo modo de conceber a ordem das coisas que Jonas declara insuficiente a ética clássica. Os problemas erguidos pela crise ecológica e progresso tecnológico são dimensões novas para a ética. O

niilismo ecológico enquanto depreciação de valor corresponde suficientemente aos questionamentos acima mencionadas.

O que significa “niilismo ecológico”?

Até o momento, o nosso tentativo consistiu em pôr as bases do niilismo. De agora em diante, tratar-se-á de ilustrar o niilismo ecológico nas suas peculiaridades e conseqüências. Entendemos por niilismo ecológico uma maneira particular de interpretar a Natureza na sua totalidade, na ausência ou pelo menos na negação de valores e escopo no que concerne a finalidade mesma da natureza. A ambigüidade fundamental está no fato que a depreciação de valor à natureza corresponde de maneira unívoca a afirmação da técnica enquanto poder, potência e tecnolatria.

Desde então, o ponto crucial permanece estável, a depreciação de valor, segundo o nosso parecer, é o constante antagonismo que põe em conflito duas realidades inter-dependentes: o homem e a natureza⁴. A natureza cujo a qual tal valor lhe vem subtraída, é aos olhos do homem moderno uma “coisa qualquer”, sem finalidade e valor em si, e portanto, privada daquela ordem natural primordial. Essa é objeto de uso imediato, reduzida ao mero consumo. É difícil distinguir os limites, as fronteiras entre a vontade de viver, auto-conservação e a vontade de destruição como vontade de um instinto mais profundo ainda, o instinto de autodestruição, a vontade do nada. Ora, essa profunda ambigüidade de poder, de potência, constitue a raiz de todo o nosso problema. O niilismo ecológico sobrevive graças a esse paradoxo, isto é, entre a negação e a

⁴ Por natureza aqui, entendemos aquela condição natural que permite a vida sobre a terra, o ambiente (Umwelt).

afirmação da natureza. Que a crise ecológica atual seja uma consequência de uma tal transmutação de valor, como Nietzsche já predizia e que por sua vez se transforma em objeto de estudo do pensamento jonasiano, deve haver algum senso. Seja Nietzsche que Jonas identificam uma palavra chave nesta componente niilista, ou seja, a potência, o poder.

“Conclusão: todos os valores pelos quais experimentamos até o presente tornar o mundo avaliável para nós, e pelos quais temo-lo precisamente desvalorizado desde que se mostraram inaplicáveis, — sob o ângulo psicológico, todos estes valores são resultados de certas perspectivas de utilidade, estabelecidas para manter e aumentar as criações de domínio humano: mas falsamente *projetadas* na essência das coisas.

É ainda a ingenuidade *hiperbólica* do homem que o leva a considerar-se o sentido e medida das cousas...”⁵.

É nesta linha de raciocínio que o paradigma tecnológico sustentado ao niilismo faz emergir uma crise ecológica de dimensão global. A tecnologia mascarada do mito de progresso tende neste caso obscurecer a condição temporal tipicamente humana, identificando neste processo um mal, uma degeneração. O ciclo temporal da vida que desde os primórdios era vista como uma ordem natural vem seriamente questionada. Esse progredir verso o desconhecido, o que significa?

Homem, Natureza e Deus

A profundidade do niilismo ecológico engloba nos seus variantes aspectos aquilo que concerne a relação do homem com o Mundo e com Deus. Ora, a imagem do mundo⁶ (*Weltbild*) moderno é a representação

⁵ “ Conclusione: *tutti* i valori coi i quali abbiamo finora tentato in primo luogo di rendere il mondo apprezzabile per noi e che hanno finito appunto per *svalutarlo* quando si sono dimostrati inapplicabili – tutti questi valori, riconsiderati psicologicamente, sono i risultati di determinate prospettive utilitaristiche, stabilite per conservare e accrescere l’immagine dell’uomo come dominatore, ed erroneamente *proiettate* nell’essenza delle cose. È sempre la *ingenuità iperbolica* dell’uomo: quella di porsi come senso e criterio di valore delle cose”. (Cfr. F. NIETZSCHE, *La Volontà di potenza*, 14).

⁶ Essa imagem do mundo é num determinado momento a consequência daquele tentativo de uma fundação metafísica já presente em Descartes. Como observa Heidegger, este tipo de fundamento metafísico é

projetada da vontade humana. Essa vontade é ao mesmo tempo poder de representação. Foi o próprio Nietzsche a designar a raiz da situação niilista declarando a “morte de Deus” e sob essa afirmação ele entendia em primeiro lugar o Deus cristão. Para Nietzsche o senso do niilismo é que os valores supremos se desvalorizam e a razão desta desvalorização é a opinião pela qual nós não possuímos o mínimo direito por um “além”.

«Por que somente através deste mundo os <valores> podem conseguir a própria aprovação, o seu desaparecimento, isto é, a <morte de Deus>, não significa somente a sua desvalorização efectiva dos valores supremos, mas a perda de possibilidade à valores vinculantes»⁷. Essa observação de Jonas revela a impossibilidade de quaisquer pretensão de atribuir valor, de fundar novos valores sem considerar a importância de uma metafísica do ser. Para o niilismo ecológico a morte de Deus quer significar a disjunção de qualquer vínculo ou compromisso desde o homem com a natureza e com Deus. Com a desvalorização efectiva dos valores se instaura enfim a reacção de domínio, o poder tornar-se em domínio. Em poucas palavras, «a essência dos valores encontra seu fundamento em formas de domínio»⁸. Por conseguinte, essa forma de domínio se manifesta como desprezo verso o mundo circundante; a relação do homem com o mundo que lhe circunda é uma realidade carente de valor e privo de normatividade. É essa uma concepção niilista da natureza.

Segundo Jonas, «se a natureza é um mero objeto e em nenhum modo sujeito, se essa é priva de vontade, então o homem permanece o único

característico da idade moderna. O *cogito ergo*, isto é, o homem, deve ser a base deste fundamento metafísico e ao mesmo tempo garantir as possibilidades de suas representações. A tal propósito conferir: M. HEIDEGGER, *Il nichilismo europeo*, 176.

⁷ “ Poiché solo da questo mundo i «valori» possono trarre la loro sanzione, la sua scomparsa, cioè la «morte di Dio», non significa solo la svalutazione effettiva dei valori supremi, bensì in generale la perdita della possibilità di valori vincolanti”. (H. JONAS, *Organismo e libertà*, 276).

⁸ M. HEIDEGGER, *Il nichilismo europeo*, 100.

sujeito e a única vontade.(...)Enfim, é óbvio que tal vontade é uma vontade de potência»⁹.

Podemos concluir enfim, que a constante angústia do homem moderno consiste exatamente nessa falta de escopo, de um além aonde repousar. Com a negação de Deus o homem moderno procura uma afirmação no espaço-temporal, um referimento aonde depositar a própria frustração. A técnica parece ser uma resposta a tal problema. Essa representa não somente o progresso mas também o domínio, o poder que somente a Deus era permitido haver. Deste modo também a tecnologia tende a ser uma forma complexa de nihilismo. O nihilismo ecológico encontra-se neste paradoxo entre a vontade de poder e a decadência dos valores e do significado do agir humano.

“Se os valores não são descobertos numa visão do ser (como o bem e o belo em Platão), mas são colocados como projetos da vontade, então a existência é efectivamente condenada à contínua futuridade com a morte enquanto fim; e uma resolução meramente formal do ser sem um *nomos*, se transforma em um avançar desde o nada ao nada”¹⁰.

É essa a imagem do mundo que até agora temos construído e cujo futuro não temos a mínima idéia para onde esteja indo. Neste sentido podemos interpretar a tecnologia e com essa toda a ciência moderna como uma forma de decadência; portanto podemos dizer que a essência mais profunda da metafísica e com essa a essência do Mundo moderno realiza-se enquanto nihilismo¹¹. Como o próprio Nietzsche já tinha intuído, parece que todo esse esforço esteja conduzindo o homem e a inteira humanidade

⁹ „...se la natura è mero oggetto e non è in alcun senso soggetto, se essa è priva della «volontà», allora l'uomo rimane l'unico soggetto e l'unica volontà. (...) Infine, è ovvio che tale volontà è una volontà di potenza”. (H. JONAS, *Dalla fede antica all'uomo tecnologico*, 126-127).

¹⁰ “ Se i valori non vengono scoperti nella visione dell'essere (come il bene e il bello in Platone), bensì vengono posti come progetti della volontà, allora l'esistenza è effettivamente condannata alla continua futurità con la morte come meta; e una risolutezza meramente formale a essere, senza un *nomos* per la decisione, diventa una corsa in avanti dal nulla al nulla”. (H. JONAS, *Organismo e libertà*, 283).

¹¹ Cfr. G. VATTIMO, *Introduzione a Heidegger*, 83.

à uma espécie de depauperamento que manifesta-se na natureza nos seus limites e vulnerabilidade como forma de crise ecológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACONE, F.**, *Nuovo Organo*, Bompiani, Milano, 2002.
- BILATE, D.**, “Nietzsche, nihilismo e verdade”, in *Exagium* vol. II, agosto (2008) 1-9.
- COLLI, G.**, *Scritti su Nietzsche*, Adelphi, Milano, 1993³.
- DESCARTES, R.**, *Meditazioni metafisiche*, Laterza, Roma-Bari, 2007.
- HEIDEGGER, M.**, *Il nichilismo europeo*, Adelphi, Milano, 2006².
- _____, *Saggi e discorsi*, Mursia, Milano, 1976.
- _____, *Sentieri interrotti*, Nuova Italia, Firenze, 1997.
- JONAS, H.**, *El principio responsabilidad. Ensayo de una ética para la civilización Tecnológica*, Herder, Barcelona, 1995.
- _____, *Organismo e libertà. Verso una biologia filosofica*, Einaudi, Torino, 1999.
- _____, *Il principio responsabilità. Un’etica per la civiltà tecnologica*, Einaudi, Torino, 2002³.
- _____, *Dalla fede antica all’uomo tecnologico*, Il Mulino, Bologna, 1991.
- MAGRIS, A.**, *Nietzsche*, Morcelliana, Brescia, 2003.
- NIETZSCHE, F.**, *La Volontà di potenza*, Bompiani, Milano, 2005.
- _____, *Os pensadores: Nietzsche. Obras Incompletas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo, Nova Cultural, s.d.
- VATTIMO, G.**, *Introduzione a Heidegger*, Laterza, Roma-Bari, 1971.
- VERCELLONE, F.**, *Introduzione al nichilismo*, Laterza, Roma-Bari, 1992.